

O Antonio Candido de Nico

Nico's Antonio Candido

MALTA, Marcio. *Antonio Candido: intérprete do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2019.

George Gomes Coutinho¹

“Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”

Antonio Candido

Antonio Candido de Mello e Souza é indiscutivelmente um dos brasileiros mais influentes dos últimos dois séculos. É até mesmo difícil imaginar a fisionomia contemporânea de diferentes campos de conhecimento ou grupos e instituições se Candido não tivesse passado por eles, aí pouco importando se falamos de ciências sociais, ensino superior, a esquerda democrática ou de sua amada e reciprocamente amante literatura. Nascido no século XX, século em que viveu boa parte de sua vida e onde produziu intensamente, foi no século XXI que Candido encerrou sua experiência vital. O ano era 2017, momento em que caminhava para completar 99 anos. Deste ponto Márcio Malta, impactado com a notícia de sua morte, inicia um percurso de diálogo com a obra do autor que durou pouco mais de dois anos. O livro é concluído, em confissão textual do autor, em julho de 2019, justamente nos arredores das celebrações dos 101 anos de nascimento de Candido. O produto final chegou ao leitor com o título *Antonio Candido: intérprete do Brasil*, lançado pela editora carioca Selo Novo.

Malta é professor da área de ciência política e tem suas bases profissionais bem estabelecidas no Instituto de Estudos Estratégicos, o INEST, da Universidade Federal Fluminense. Mas, Márcio Malta tem uma vida paralela igualmente consolidada. Ele é reconhecido também simplesmente como Nico, seu nome de guerra. Nico se apresenta assinando *cartoons* na imprensa nacional e sindical há pouco mais de duas décadas². Em seu opúsculo dedicado a Antonio Candido, são menos de cem páginas, a imaginação plástica e criativa de Nico é recrutada e colocada a serviço do cientista político. O trabalho gráfico, o que inclui uma bela e delicada efígie de Candido que adorna o livro em diversos momentos, é assinado pelo alterego de Márcio Malta. Vale ressaltar que o projeto em si, com sinalizações gráficas pronunciadas indicando pausas entre seções e capítulos, singulariza o livrinho e denuncia que se trata de elaboração de

¹ Prof. Associado da área de Ciência Política no Departamento de Ciências Sociais da UFF/Campos.

² Nico desfilou sua irreverência crítica no Pasquim 21 e em diversas outras publicações. Ultimamente não é incomum encontrar sua arte na seção *Painel do Leitor* da Folha de São Paulo.

quem é do ramo. Há uma sutil experiência estética que transcorre em paralelo ao trabalho analítico.

Para além destas particularidades estéticas que se poderia esperar do inusitado encontro entre cientista político e cartunista em uma única pessoa, *Antonio Cândido: intérprete do Brasil*, promete em dois capítulos: a) uma introdução, e ao mesmo tempo uma homenagem, à vida e obra de Antonio Cândido; b) a discussão, mais calcada nas bases canônicas propostas pelo pensamento político-social brasileiro, sobre a maneira como Cândido interpretava o Brasil; c) a defesa intransigente dos direitos humanos, tendo no *direito à literatura* uma espécie de apoteose. Vamos aos detalhes deste itinerário e, claro, avaliar se as promessas se concretizam nos argumentos de Malta.

Antes, vale dizer que o Cândido de Malta tem seus contornos de cientista social mais ressaltados. Embora sociólogo e crítico literário fossem um só, algo reivindicado por Cândido e destacado por Malta em seu livro, o que interessa no trabalho é ressaltar o conteúdo mais explicitamente sociológico e político da obra do homenageado, o que inclui a defesa dos direitos humanos enquanto intervenção político-normativa. Não por acaso, dentre os textos que recebem atenção para análise, o monumental *Formação da Literatura Brasileira*, originalmente publicado em 1959, é ausência notada no corpo do texto e só se apresenta na bibliografia consultada. A seleção da literatura básica heterodoxa de Malta, ou os insumos que conferem a musculatura de sua recepção singular, envolve *Radicalismos*, texto de 1990 publicado na revista *Estudos Avançados* da Universidade de São Paulo, o prefácio de Cândido para *Raízes do Brasil*, este último o clássico obrigatório de Sérgio Buarque de Holanda, a monografia funcionalista *Parceiros do Rio Bonito* e o texto já mencionado, o *Direito à literatura*. No mais, entrevistas do homenageado são citadas no decorrer de todo o texto.

O capítulo um é resultado de segundo momento de reflexão do que foi primeiramente um *paper* apresentado por Malta na reunião bianual da Associação Brasileira de Ciência Política. A discussão aqui se centra em Cândido enquanto um observador sensível, crítico e original das estruturas que conformam a sociedade brasileira a partir da classificação de atitudes políticas. Em última instância a leitura a partir de Cândido ressalta o mal-estar do capitalismo periférico, a crueza de estruturas que não reproduzem os marcos civilizatórios reivindicados pelas sociedades cênicas, estas últimas dotadas idealmente de um horizonte normativo menos excludente. Friso *idealmente* por considerarmos aqui tanto a conjuntura pós-neoliberal quanto as últimas décadas de emergência da extrema-direita competitiva eleitoralmente, seja na América do Norte ou na Europa. Os marcos inclusivos e civilizatórios seguem fragilizados no Atlântico Norte. Basta ver se serão liquidados ou não.

Retomando os argumentos do opúsculo de Malta, na análise impera a atualização de uma realidade periférica desigual e opressiva descendente do sistema colonial. Deste reconhecimento empírico para Cândido, e o autor se considerava antes de tudo um empirista, um compilador do existente, só abrem-se duas alternativas possíveis para os posicionamentos políticos locais: reiteração ou rechaço ao *status quo*. Em outros termos, a síntese do que Gildo Marçal Brandão chamaria em outro momento de *famílias intelectuais* (BRANDÃO, 2007), ou as linhagens político-intelectuais que fornecem parâmetros interpretativos que alicerçam nossa *autocompreensão*, são na verdade apenas duas na produção de Cândido selecionada por Malta. Teríamos aqui

nesta terra *radicais* ou *conservadores*. Os radicais seriam aqueles engajados nas mudanças de nossa organização social. Os conservadores seriam o oposto, aqueles imbuídos na manutenção do *atraso* ou, em outros termos, na atualização de práticas de superexploração, curto-prazismo, exclusões diversas, pulverização da indignidade, etc.. Dada a relação transversal entre *ideias e realidade social*, e nos defrontando com nosso estado de coisas realmente existente, Cândido nota a predominância bem sucedida de nosso conservadorismo sobre qualquer tipo de ímpeto de mudança. Os conservadores são os vitoriosos, os hegemônicos. Esta percepção é em tudo dessemelhante das paranoias contemporâneas que engendram espantalhos na direita brasileira, onde esta última se vê como algum tipo de ilha política e moral cercada por um oceano decrépito de progressismo por todos os lados.

Vale dizer que a classificação relacional de atitudes políticas proposta pelo autor homenageado, tendo por âncora as nossas estruturas sociais e um posicionamento de enfrentamento ou preservação das mesmas, é também uma confissão de pertencimento. Cândido se autodenominava um radical³, um intelectual forjado na esteira dos movimentos intelectuais que geraram novos marcos interpretativos brasileiros na primeira metade do século XX. Nesta caracterização do radicalismo, é importante destacar, há quadros galvanizados por fontes liberais e socialistas. Porém, todos democratas e todos engajados no trabalho estrutural de mudança do *status quo*. Cândido advogava em prol deste projeto e se auto-identificava com este *reformismo radical*. Ainda, no texto de Malta, o tom é de uma definição de radicalismo por *negação*: o radical brasileiro, a despeito da genética filosófica na tradição de ideias políticas iluministas, é pura e simplesmente o *não conservador*, uma antítese dos agentes do conservadorismo. Assim poderíamos colocar nesse diapasão radical uma diversidade de personagens como Raymundo Faoro, Florestan Fernandes e o próprio Cândido.

Mas, é na construção analítica feita sobre Sérgio Buarque de Holanda, ainda no capítulo um, que há uma originalidade na interpretação do Cândido de Malta. Holanda, na interpretação de Cândido, é destacado e com ênfase como um pensador dotado de tonalidades radicais, e não um proto-militante liberal ou um crítico conveniente de costumes. Em resposta a este Holanda em versão *baixos teores*, quase inofensivo nesta interpretação contemporânea bastante disseminada, surge um Holanda dotado de radicalidade democrática, com uma verve subversiva, crítico ácido da sociedade desigual construída sobre as estruturas do empreendimento colonial português. Caberia, programaticamente, um outro Brasil. Eis aí a radicalidade.

O segundo capítulo é uma síntese do trabalho de Márcio Malta em grupos de estudos, seminários, disciplinas, etc. utilizando a obra de Cândido como veículo para pensar o Brasil. Aqui a cultura, popular e *alta cultura*, é apresentada como um recurso que deve ser conscientemente e politicamente mobilizado para enfrentar ou prevenir a barbárie. Trata-se de discussão apaixonada tomando *O Direito à Literatura* de Cândido como fio condutor.

Direito à Literatura vem primeiramente ao mundo pelas mãos de Cândido em forma de palestra no ano de 1988, depois republicada, entre outros lugares, na coletânea

³ Vide entrevista para a revista *Trans/Form/Ação* da UNESP (CANDIDO, 2011a) originalmente publicada em 1974. Inclusive parte dos argumentos apresentados nesta entrevista são recuperados no artigo *Radicalismos* da década de 1990.

do próprio autor intitulada *Vários Escritos*⁴. O ano de 1988 celebrava os primeiros 40 anos da *Declaração Universal de Direitos Humanos*. Cândido nesta efeméride pensou, em seu humanismo sensível, sobre os processos de humanização. Ou, como é possível sofisticarmos nossa cognição, quais meios utilizariamos, nesta tarefa complexa que é nos relacionarmos conosco e com os outros. Aqui a produção cultural ocupa função insubstituível e a literatura é a via régia para a descoberta de universos simbolicamente ricos, eventualmente cosmopolitas, e método para aprendizagem civilizatória, onde, dialeticamente, a subjetividade, após mergulhar neste rio, tem o potencial para não ser mais a mesma. Ler literatura porque assim nos tornamos mais humanos. Defrontar com a literatura para olhar, neste espelho, nossos dilemas éticos e existenciais. Ler, enfim, como necessidade e exercício, demanda básica tal como abrigo material, saúde e alimentar-se.

Aqui o Cândido de Malta, onde a literatura, o seu acesso, é direito fundamental, é destacado na chave otimista do contexto da redemocratização brasileira. Há um *diagnóstico de época*, transparecido pela interpretação de Malta, onde Cândido ousa sonhar com aprendizados institucionais nativos que baniriam o autoritarismo enquanto solução para conflitos redistributivos após a fracassada experiência da ditadura civil-militar. Portanto, faria sentido subverter o capitalismo periférico e sua vocação perene de exclusão das massas de itens básicos de sobrevivência. Novos tempos, formemos novos homens. Assim, por qual razão a produção cultural deveria ficar de fora da cesta básica? Democratização do país, democratização da literatura, pois! Eis um item de um projeto programático de um socialista democrata.

Entretanto, não obstante todos os predicados descritos nos parágrafos acima, o Cândido na versão de Malta lida com um problema derivado do tamanho do objeto/homenageado: Cândido é um gigante, um dos maiores intelectuais latino-americanos do século XX para cá. Nestes termos, uma revisão bibliográfica sistemática, dado o caráter prolífico de sua produção, seria um desafio até mesmo para uma equipe, que dirá para um pesquisador solitário. Uma ampliação, quem sabe em uma segunda edição, daria mais um passo na síntese deste clássico incontornável de nosso pensamento político, social e literário.

Referências

- BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2007.
- CANDIDO, Antônio. Radicalismos. **Estudos Avançados**. São Paulo, 1990, v. 4, n.8, p.4-18.
- _____. Entrevista. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista De Filosofia Da Unesp**. Marília, 2011a, v.34, Número Especial, p.03-13.,
- _____. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011b.

⁴ Para elaboração desta resenha consultamos a 5^a edição, de 2011, publicada pela editora *Ouro sobre Azul*, radicada na cidade do Rio de Janeiro. A designer Ana Luisa Escorel, filha de Cândido e Gilda de Melo e Sousa, é a proprietária da *Ouro sobre Azul*.

MALTA, Marcio. **Antonio Cândido: intérprete do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2019.

